

W.O.
13 DEZ. 2019

O PARTIDO COMUNISTA E A VIDA PRIVADA DAS MULHERES CHINEsas NO PERÍODO MAOÍSTA

Priscila Novais dos Reis¹

RESUMO: O presente artigo, caracteriza-se pelo estudo da vida privada das mulheres chinesas ligadas ao Partido Comunista, no período Maoísta compreendido entre 1949 – 1976 a partir do livro *As boas mulheres da China*, escrito pela jornalista Xinran. O estudo buscou entender a partir de uma perspectiva micro histórica, quais eram as funções das mulheres dentro do Partido Comunista Chinês, como o partido influenciava a vida privada dessas mulheres chinesas e como as mesmas mostravam-se leais a ideologia comunista. A pesquisa desta forma, objetiva analisar como o Maoísmo afetava não somente o modo de conceber o mundo, mas também, toda a estrutura familiar dos chineses e qual foi a importância dos relatos contidos no livro de Xinran, em um dos momentos de maior perseguição política e censura na China. Os resultados obtidos permitem considerar que apesar do discurso de igualdade entre gêneros, as mulheres continuavam a ser subjugadas em nome da tradição chinesa, que segundo o novo modelo de governo vigente na China, deveria ser destruída.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Estrangeira, Partido Comunista Chinês, mulheres chinesas.

ABSTRACT: This article, is characterized by the study of the private life of Chinese women linked to the Communist Party, in the Maoist period from 1949 to 1976 from the book *The Good Women of China*, written by journalist Xinran. The study sought to understand from a micro-historical perspective what the roles of women within the Chinese Communist Party were, how the party influenced the private lives of these chinese women, and how loyal they were to communist ideology. The

¹ Aluna do sexto semestre do Curso de Graduação em Licenciatura em História pela Universidade Santo Amaro – Unisa. São Paulo. pri.novais.reis@gmail.com. Professora Orientadora: Prof. Dra. Jussara Parada Amed. jussamed@terra.com.br.

research thus aims to analyze how Maoism affected not only the way of conceiving the world, but also the whole family structure of the Chinese and how important were the accounts contained in Xinran's book, in one of the moments of greatest political persecution and censorship in China. The results obtained allow us to consider that despite the discourse of gender equality, women continued to be subjugated in the name of the Chinese tradition, which according to the new model of government in force in China, should be destroyed.

KEYWORDS: Foreign Literature, Chinese Communist Party, Chinese women.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca entender como a China liderada por Mao Tsé-Tung no período entre 1949 a 1976 tem sua estrutura política e social transformada, evidenciando as mulheres ligadas ao Partido Comunista Chinês nesse processo. A ideologia Maoísta que perdurou durante 25 anos afetava não somente a forma como os chineses concebiam o mundo, mas também, a estrutura familiar, suas relações sociais e econômicas.

O estudo pretende através do livro *As boas mulheres da China* (XINRAN, 2007), ao qual são reunidos relatos da experiência de algumas mulheres chinesas durante o período, entender, como o governo de Mao e sua ideologia influenciava as vidas privadas das mulheres e como as mesmas se relacionavam com o Partido Comunista.

Xinran, mesmo com o sucesso do seu programa *Palavras na brisa noturna*, tratando de questões que poucos ousavam falar como sexualidade (visto que a mídia era controlada pelo Partido), muda-se para Londres em 1997 a fim de escrever seu livro publicado em 2002, com o intuito de entender a condição feminina na China revolucionária e moderna.

Diante do exposto, a realização deste artigo nos permite explanar as seguintes problemáticas: com os adventos do comunismo, como as ideias de igualdade entre homens e mulheres validavam-se na prática cotidiana? Como

essas mulheres mostravam-se leais a ideologia Comunista? E como o PC influenciava as vidas privadas das mulheres chinesas ligadas ao partido, ou não, em suas relações sociais e políticas?

Os motivos acadêmicos, sociais e institucionais que qualificam o estudo no âmbito da pesquisa em História, remontam as discussões da disciplina de História da Ásia e também, de uma necessidade em entender como eram tratadas as questões femininas no que diz respeito a um dos maiores períodos de perseguição política e censura na China.

A partir da ideologia Maoísta, construiu-se uma identidade de mulher chinesa moderna que deveria abandonar os 'velhos costumes' e 'tradições arcaicas'. Daí a importância em entender as contradições entre a vida cotidiana e a tradição, e evidenciar, logicamente, os relatos das vidas dessas mulheres. Mesmo tratando-se de outro contexto, faço das palavras de Wolf (2019) minhas palavras:

[...] Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. [...] De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. [...] Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram. (p.10).

Nesse sentido procuro analisar a importância da obra de Xinran (2007), que dá nome e lugar de fala a essas mulheres. Apresentando um livro essencial para o presente estudo e para o campo de pesquisa ainda escasso sobre as chinesas, acredito que ao longo do artigo, conseguiremos entender a participação feminina na revolução, tema que não tenho a pretensão de esgotar.

Deste modo a Análise de Conteúdo, método proposto por Márcio C. Carlomagno e Leonardo Caetano da Rocha (2016), permitiu a elaboração de categorias analíticas para a aplicação na pesquisa realizada. O método consiste em um conjunto de técnicas para a identificação das comunicações, mensagens, semântica das palavras e interpretações das sentenças e enunciados.

O pesquisador estabelecendo categorias de análise, define os elementos a serem analisados nas fontes da pesquisa proposta o que possibilitou um melhor entendimento e interpretação da obra *As boas mulheres as China* (XINRAN, 2007).

Portanto foram estabelecidas três etapas de organização. Na primeira etapa foi feito o contato e leitura minuciosa da fonte primária, a obra de Xinran (2007). A segunda etapa consistiu em decidir o que seria analisado na fonte para a então criação das categorias de análise. E por último, a terceira etapa, onde foram aplicadas as técnicas que ajudaram a elaborar e identificar os resultados da pesquisa.

De acordo com perspectiva da micro história sugerida por Ginzburg (1987), é possível analisar esse grupo de mulheres e suas singularidades através da redução da escala de análise, mostrando a você, leitor, como as mesmas influenciam o sistema e a estrutura impostos pelo Partido Comunista e em contrapartida, como são influenciadas em suas vidas privadas. Nesse contexto, as mulheres aqui tratadas serão colocadas em primeiro plano e a partir de suas histórias a análise de uma visão mais geral e ampla será demonstrada.

No primeiro tópico da pesquisa será abordado o contexto histórico resumido das principais práticas de Mao durante o seu governo. E no segundo e último tópico, será abordada a história das mulheres chinesas expostas na obra de Xinran (2007) e as influências que sofriam ao entrar ou não no Partido Comunista Chinês.

Mao Tsé-Tung e movimento comunista na China de 1949 a 1976

Durante toda a sua longa história, a China passou por muitos conflitos armados e ideológicos. Apesar disso, creio que nenhum deles foi tão transformador política, estrutural e ideologicamente como a tomada dos comunistas e a liderança de Mao a partir de 1949. Não vejo como falar das mulheres e de suas questões, sem antes falar do contexto histórico ao qual estavam inseridas, e do líder que durante 25 anos comandou um dos maiores países do mundo.

Sem sombra de dúvidas, os conflitos ocorridos no final do século XIX e início do XX foram decisivos para configuração territorial e política- social da China atual. E como falar das práticas comunistas sem antes entender como os mesmos chegaram ao poder? Claro que não pretendo me estender e não falarei aqui detalhadamente sobre contextos como a primeira e a segunda guerra mundial.

A China na virada do século XIX para o XX ainda liderada pelos Manchu², tem seu sistema imperialista ameaçado com o nascimento do Partido Kuomintang Nacionalista³ em 1912. Com a liderança de Sun Yat-sen, o KMT começa a ganhar popularidade e apoio do então general Yuan Shikai. Sun Yat-sen consegue em 1912 a abdicação do imperador Puyi, instaurando uma república provisional e proclamando-se presidente (MASON, 2017; POMAR, 2003).

Entretanto, uma reviravolta acontece e Yuan Shikai com maior apoio de chefes militares e estrangeiros, assume a presidência declarando o KMT ilegal. A China nesse momento via-se devastada. Shikai, voltando a seguir o padrão anterior de governo, propiciou a formação de novas dinastias, aqui tratadas como dinastias econômicas⁴. O sistema capitalista ganha força e espaço em um cenário essencialmente rural. Não diferente de outros países capitalistas, o poder aquisitivo estava nas mãos de poucos, no caso chinês, das novas dinastias e dos antigos chefes militares (MASON, 2017).

Com a morte de Shikai em 1916, Sun Yat-sen renova sua declaração da república assumindo novamente o poder. Entretanto em 1925, o governo de Sun controlava apenas uma pequena parte do sul da China. Nesse contexto, surge uma nova liderança no KMT, Chiang Kai-shek, tendo por objetivo acabar com o poder das novas dinastias e dos chefes militares, vendo-se também em um momento de conflito com 'grupos rebeldes' em algumas partes da China: os comunistas (MASON, 2017).

Em um cenário de conflitos, e com a influência da Revolução Russa, forma-se em 1921 o chamado Partido Comunista Chinês ou PC. O PC começa a ganhar mais adeptos após o período da Segunda Guerra Mundial, pois, com as invasões japonesas e com a ineficiência do governo de Chiang Kai-shek, os comunistas lançam campanhas de retomada dos territórios perdidos e por estar nas frentes de

² Os Manchu são conhecidos por terem formado a última dinastia da China, os Qing, que lideraram entre os anos de 1644 a 1912 (GELBER, 2012).

³ O KMT, criado em oposição ao regime imperialista, buscava instaurar um sistema republicano na China. O KMT tinha por diretrizes três princípios: "[...] o nacionalismo (luta contra a dominação estrangeira), a democracia (redistribuição [...] da terra e Estado voltado para servir o povo) e o bem-estar do povo (distribuição da renda [...]). (POMAR, 2003, p.43).

⁴ O fato de ter escrito especificamente 'dinastias econômicas', vem da necessidade de entender que diferentemente do período imperialista, essas novas dinastias não tinham poder sobre o território propriamente dito, mas sim, sobre a economia (o que não deixa de influenciar as relações sociais).

batalha, um homem começa a ganhar notoriedade entre os camponeses (MASON, 2017; POMAR, 2003).

Esse homem chamava-se Mao Tsé-Tung, um dos fundadores do Partido Comunista. Suas práticas carregadas de simbolismos e a luta constante contra ‘o passado feudal’, as ‘tradições arcaicas’ e o ‘regime capitalista’, tinham em seus discursos a mesma significação de ‘avanço’. Segundo o próprio Mao Tsé-Tung (1966), “A revolution is not a dinner party [...] it cannot be so refined, so leisurely and gentle, so temperate [...]. A revolution is an insurrection, an act of violence by which one class overthrows another” (p.11-12)⁵.

Assim, com o apoio do povo, Mao começa a confiscar as terras dos grandes proprietários fazendo com que os mesmos, inclusive Chiang Kai-shek, um de seus opositores, se exilassem em Taiwan. Assumindo a então declarada República Popular da China no ano de 1949, com sua ideologia e concepção de mundo, começa uma das maiores revoluções comunistas já vistas no mundo.

Mesmo dentro do Partido Comunista Chinês, Mao, era muito questionado por não seguir o marxismo ortodoxo⁶ e os exemplos da Revolução Russa. Evidenciando o camponês, seu pensamento colocava a área rural como principal força revolucionária. Isso é o que nomeamos por maoísmo, uma nova forma de pensar a instauração do sistema comunista. A Revolução deveria começar no campo, pois a China apesar de práticas capitalistas anteriores com o KMT, era essencialmente feudal com pouquíssima industrialização.

[...] Mao tinha tentado convencer os outros líderes de que embora o marxismo clássico – revolta de um grupo urbano – tivesse sucedido na Rússia, não era apropriado na China. A posição de Mao na história depende consideravelmente de sua compreensão de que o problema essencial da China era rural, e que somente uma revolta baseada nos camponeses poderia ser bem-sucedida [...]. (MASON, 2017, p. 218).

Mesmo com opositores, este governante hoje visto como ditador, conseguiu articular-se e destituir muitos de seus adversários, colocando sua ideologia em

⁵ Uma revolução não é um jantar [...] não pode ser tão refinada, tão descontraída e gentil, tão temperamental [...]. Uma revolução é uma insurreição, um ato de violência pelo qual uma classe derruba outra (tradução livre).

⁶ Pensamento de Karl Marx, onde a Revolução Socialista deveria começar pelas áreas urbanas com os operários das fábricas.

prática. Mao, durante os anos em que se manteve no poder, lançou diversas campanhas com o intuito de acabar com o resquício das práticas imperialistas e não menos importante, banir qualquer prática capitalista.

O início das campanhas foi feito com um discurso conhecido na história como “Sobre o modo correto de resolver as contradições no seio do povo”. [...] ao mesmo tempo: minimizava o perigo de uma contra-revolução e afirmava que, havendo sido desmantelado o sistema capitalista, restavam apenas “contradições no seio do povo” [...]. (MEZZETTI, 2000, p. 55-56).

Um de seus primeiros esforços para impedir um conflito e o avanço de grupos reacionários⁷ foi o Desabrochar das Cem Flores lançado nos anos de 1956 e 1957. Essa campanha tinha como objetivo recolher críticas ao governo comunista para resolver as ‘contradições do seio do povo’, para entender como as pessoas, em sua maioria os intelectuais, viam a atual situação do país. Entretanto, por conta de opiniões negativas, os ‘opositores’ foram intitulados de contrarrevolucionários e direitistas, sofrendo duras represálias.

[...] com uma vasta repressão aos “direitistas”: aqueles que se haviam exposto respondendo ingenuamente ao convite à crítica e aqueles que eram suspeitos de sê-lo. Dezenas de milhares de intelectuais foram expulsos de seus cargos, “mandados para baixo”, isto é, colocados em trabalhos humilhantes, como limpar as fossas em suas unidades de trabalho, encarregar-se das privadas públicas, ou foram transferidos para o interior para reeducação, realizando trabalhos manuais pesados em condições precárias. Muitos outros foram presos e mandados para trabalhos forçados. [...]. (MEZZETTI, 2000, p.57).

Um de seus principais objetivos era acabar com qualquer resquício dos regimes anteriores, impondo-se como um líder autoritário e arbitrário. Para se consolidar no poder, utilizou-se muitas vezes da aniquilação física de seus adversários e de qualquer pessoa que fosse contra a sua ideologia. Apesar do apoio camponês, implantou práticas de repressão até mesmo no campo, considerado o cenário da revolução.

[...] Há abundante evidência do uso chinês de meios educacionais e psicológicos para controlar o pensamento de seu povo; para implantar hostilidade em suas crianças [...] para corrigir o “pensamento errado” em indivíduos. [...] Eram destinadas a alterar as opiniões daqueles com pontos de vista críticos ou independentes, e eram justificadas pela asserção de que o

⁷ Pessoa com pensamento contrário, hostil.

comunismo como ditado pelo Estado deve estar sempre certo, de modo que todos os cidadãos devem a ele não somente obediência, mas aceitação sem reserva. (MASON, 2017, p.226).

Com o final do movimento das Cem Flores, uma nova campanha surgiu: O Grande Salto Adiante iniciado em 1958, tendo acabado em 1962. O Grande Salto Adiante, foi um movimento encabeçado por Mao para o desenvolvimento da agricultura e industrialização da China ao mesmo tempo, o que será tratado mais detalhadamente quando falarmos das questões femininas. /

A partir desse momento, a cooperação humana foi confundida com exploração e muitos camponeses foram retirados de suas casas e obrigados a morar em comunas com jornadas longuíssimas de trabalho. A corrida para alcançar e vencer os países estrangeiros, para trazer e consolidar o 'avanço da nação', causou danos ao cotidiano do povo chinês. "Uma visão de abundância prometida não apenas motivou um dos assassinatos em massa mais terríveis da história, como também infligiu dano sem precedentes à agricultura, à indústria, ao comércio e ao transporte [...] (DIKOTTER, 2017, p. 11).

Com a instauração de políticas de racionamento de grãos, muitos chineses chegaram a morrer de fome e de esgotamento físico. Não estavam mais preocupados com o coletivo, mas sim, com sua própria sobrevivência. A "[...] coerção, terror e violência sistemática foram a base do grande Salto Adiante (DIKOTTER, 2017, p.11).

E por fim, mas não menos importante, chegamos a Revolução Cultural, campanha que começa no ano de 1966 e termina em 1976 com a morte de Mao. Esse movimento, como o próprio nome nos dá pistas, foi um de seus maiores esforços para pôr fim aos resquícios feudais, aos velhos costumes. Seria o surgimento de uma 'nova cultura'. Contudo, durante os anos iniciais de seu governo, Mao acumulou inúmeros opositores, e, essa campanha, assim como as outras citadas, serviu como um meio de repressão aos considerados contrarrevolucionários.

[...] apelaram às massas para "fazer a revolução", "transformar os pensamentos, a cultura, os hábitos e costumes antigos", "moldar a fisionomia moral de toda a sociedade conforme os pensamentos, a cultura, os hábitos e costumes do proletariado", "derrubar os que ocupavam postos de direção, mas seguiam o caminho capitalista",

[...] “criticar as autoridades acadêmicas reacionárias”, [...] e “reformatar a estrutura de ensino, a literatura, a arte e todos os demais ramos da superestrutura”. (POMAR, 2003, p.98-99).

As pessoas tornaram-se vigilantes. Estavam na pobreza, não havia sentimento de prosperidade por parte dos camponeses. Somente exploração. Qualquer recompensa ou privilégio dada aos delatores, era aceita de bom grado. A lógica e ideologia comunista de Mao começa a ser despedaçada. “A Revolução Cultural precipitaria a China no caos, com lutas intestinas, bloqueio da produção agrícola e industrial, fechamento das escolas e universidades durante anos [...]” (MEZZETTI, 2000, p. 77).

Com a morte de Mao em setembro de 1976, outro grande influenciador dentro do Partido Comunista Chinês chega ao poder, Deng Xiao Ping. Com iniciativas de abertura da China que nos anos anteriores manteve-se tão fechada para o mundo, encontrou-se num cenário de total devastação pelo uso desenfreado do solo, a pobreza, a fome, uma economia destruída, milhares de mortos e presos considerados ‘criminosos’. (DIKOTTER, 2017; MEZZETTI, 2000; POMAR, 2003).

Dito tudo isso, e agora entendendo um pouco mais sobre o período em que Mao governou deliberadamente, no próximo tópico, falaremos do então tema central desse artigo: a vida privada das mulheres. Entenderemos como todas essas práticas e campanhas, influenciaram as vidas das mesmas, suas formas de enxergar o mundo, sua maternidade e até mesmo suas relações sexuais.

A vida das mulheres chinesas na China: A tradição e a censura

O Maoísmo pregava essencialmente que as pessoas deveriam desprender-se de ‘tradições consideradas arcaicas’, para que atingissem o ápice da ideologia comunista e da coletivização. Deveriam desprender-se dos resquícios ‘feudais e imperialistas’⁸. Mas segundo Thompson (1998), o costume não é tão facilmente esquecido ou sobreposto por outra visão de mundo insurgente. São construídos a

⁸ Deveriam abandonar qualquer prática relacionada a questão da ancestralidade. Deveriam ser educados para a lógica comunista.

partir da oralidade. A tradição faz parte do senso comum⁹ e se valida como verdade.

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. [...] (p. 18).

Muitas pessoas foram beneficiadas, mas também, prejudicados com as medidas tomadas por Mao entre 1949 a 1976. Apesar de alguns avanços, principalmente no que diz respeito a legislação com um decreto de abolição da poligamia¹⁰ dando as mulheres o direito do divórcio (MASON, 2017), a tradição e os costumes estavam presentes na prática cotidiana das pessoas.

É essa contradição que procuro trazer para você, leitor, a partir dos relatos de mulheres comuns e da alta sociedade contidos no livro *As boas mulheres da China*, escrito por Xinran (2007). Com esses relatos colhidos entre os anos de 1980 a 1997 em seu programa *Palavras na brisa noturna*, entenderemos como o discurso comunista na China pregava uma falsa ideia de igualdade, e, como mulheres, mesmo amparadas pelas novas leis, sofriam com os julgamentos e normas do senso comum.

A partir desses relatos, remontaremos um cenário mais amplo das práticas ligadas ao governo de Mao Tsé-Tung. Segundo Ginzburg (1987, p.27) “[...] um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo [...] pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico [...]. Ou seja, mesmo analisando relatos isolados e singulares, conseguiremos entender contextos mais gerais.

E como começar a analisar as histórias dessas mulheres sem mesmo saber a história da pessoa que escreve sobre elas? Logicamente que não me encarregarei de tudo. Xinran (2007) nos conta seu próprio relato e tudo o que passou como jornalista numa época de muita censura, de como era sua vida quando criança e de como foi nascer no período de maior efervescência ideológica do comunismo na China.

⁹ Modo de pensar da maioria das pessoas, são noções comumente admitidas pelos indivíduos de determinado grupo ou sociedade.

¹⁰ União conjugal de uma pessoa a muitas outras. No caso da China, o homem tinha direito a casar-se com mais de uma mulher.

Xinran nasce em 19 de julho de 1958, ano de lançamento da então campanha do Grande Salto Adiante. Num momento em que tudo foi coletivizado, os cidadãos foram levados a morar em comunas gigantescas, que inflamavam o ‘seio do povo’ com a ideologia comunista. “[...] As pessoas [...] foram roubadas de seu trabalho, de seus lares, de sua terra, de seus pertences e de seu meio de subsistência [...]. (DIKOTTER, 2017, p. 9). Segundo Xinran (2007, p.183-186):

Nasci em Pequim em 1958, quando a China se encontrava no auge da pobreza [...]. Enquanto outras crianças da minha idade passavam frio e fome, eu comia chocolate importado na casa da minha avó em Pequim [...]. Meus pais estavam postados numa base militar perto da Grande Muralha. Menos de duas semanas depois de eu ter chegado, os guardas vermelhos deram uma batida na nossa casa. **Suspeitavam que meu pai fosse uma “autoridade técnica reacionária”** [...]. Também o consideravam um **“lacaio do imperialismo britânico”**, porque o pai dele havia trabalhado para a empresa britânica GEC [...]. Além disso, havia muitos objetos de arte e históricos na casa, meu pai foi acusado de ser **“representante do feudalismo, do capitalismo e do revisionismo”**. Na escola **eu era proibida de dançar e cantar com as outras meninas, para não “poluir” a arena da Revolução.** [...] Junto com outras crianças “poluídas”, cuja idade ia de dois a catorze anos, meu irmão e eu tínhamos que assistir a uma aula de estudos políticos depois da escola e não podíamos participar de atividades extracurriculares com as crianças da nossa idade [...] (grifo nosso).

Quando se tinha um parente próximo com um ‘passado capitalista’, automaticamente a pessoa em questão levava nas costas o peso desse julgamento. Milhares de chineses e chinesas, ao longo desses 25 anos de governo, foram taxadas de revisionistas prontos a ‘poluir a revolução’. Crianças, adultos, e idosos, não importava a idade, todos deveriam ser ‘reeducados’ e mais do que isso, provar sua lealdade ao Partido Comunista.

Nas cidades, milhares de **“contra-revolucionários” foram eliminados com execuções sumárias**, com “sentenças” pronunciadas em processos de massa nos estádios. **Os familiares das vítimas** que escapavam as execuções **ficavam oficialmente marcados como** “pertencentes à família de proprietário de terras” ou **“pertencentes à família contra-revolucionária”**, estigma que **transformou seus filhos e netos**, durante os decênios sucessivos, **em camada social inferior, marginalizada, demonizada**, perenemente considerada inimiga, **sem direitos, excluída do acesso à instrução** e de qualquer atividade que não fosse mais baixa (MEZZETTI, 2000, p. 47, grifo nosso).

Xinran logicamente vinha de uma família socialmente abastada. Seu avô materno era um grande proprietário, foi preso e por ser considerado contrarrevolucionário, teve suas terras tomadas e distribuídas a camponeses. Sua mãe carregou esse fardo por muitos anos de sua vida e isso trouxe consequências a sua relação com Xinran.

Durante a cisão sino-soviética¹¹, minha mãe se tornou alvo de investigação especial. **Seus antecedentes capitalistas foram a justificativa para testarem a lealdade dela ao Partido.** No final da Revolução Cultural, ela encabeçava uma pequena equipe de técnicos que projetara uma ferramenta que aumentaria muito a eficiência da manufatura. **Mas não lhe deram crédito pelo trabalho e negaram-lhe a designação de projetista-chefe,** porque **consideraram impossível que alguém com o seu passado pudesse ser realmente leal ao Partido.** [...] Quando era criança, **ela não me abraçou nem beijou uma única vez;** [...] passei muito pouco tempo com os meus pais [...] (XINRAN, 2007, p.131-134, grifo nosso).

A todos os momentos, pessoas consideradas contrarrevolucionárias tinham que provar sua lealdade ao Partido. A mãe de Xinran, por um período, abre mão de sua maternidade, para provar seu apressamento pela revolução. Esse é apenas um caso entre muitos outros, de mães, obrigadas a trabalhar em longas jornadas, sendo separadas de seus filhos em prol do 'bem maior'.

No verão de 1958 havia creches e jardins de infância comunitários em todas as partes, o que permitia que as mulheres saíssem de casa para se juntar ao Grande Salto Adiante. [...] **as crianças ficavam separadas de seus pais durante todo o dia e, em alguns casos, por semanas a fio** [...] (DIKOTTER, 2017, p.309, grifo nosso).

A família vista como a principal instituição chinesa começa a ser desmantelada. As crianças em creches ficam semanas longe dos pais, as mulheres ficam sem seus maridos pois estes estão nas frentes de batalha, e os idosos são abandonados por serem incapazes de produzir, em uma sociedade que antes era devota aos ensinamentos dos mais experientes.

Durante o livro de Xinran, temos muitos relatos de mães que não viram o crescimento de suas crianças. O abandono dos filhos não acontecia somente com mulheres intituladas 'capitalistas', mas também, com esposas de comandantes do

¹¹ Momento de crise nas relações entre a China e a União Soviética (Rússia).

alto escalão do Partido, como o caso de uma senhora que por ser conhecida na época, não quis se identificar em seu relato.

[...] **As crianças foram tiradas de mim** logo depois de nascer e enviadas para uma creche do exército, porque o Partido achou que elas poderiam afetar o trabalho do pai – o ‘comandante’. [...] nós viajavamos muito, de modo que **só víamos as crianças uma ou duas vezes por ano** [...] (XINRAN, 2007, p.122, grifo nosso).

Acima, vemos um exemplo claro que mesmo com o passar dos anos, o medo e a censura foram instaurados fortemente durante o período maoísta. Ainda que o programa *Palavras na brisa noturna* de Xinran abrisse espaço a essas mulheres, em uma mídia controlada pelo Partido, tudo poderia ser usado contra o jornalista e contra seus ouvintes. Por isso, em seus relatos, muitas dessas mulheres não identificavam-se pelo nome, ou usavam nomes fictícios.

[...] A qualquer momento o jornalista podia cometer um erro que lhe pusesse a carreira em risco, quando não a liberdade. [...] Duas ou três vezes por semana os jornalistas da emissora tinham que participar de um seminário de estudos políticos. [...] Durante essas sessões, **minha impressão era de que a China continuava dominada pela Revolução Cultural**: a política regendo cada aspecto da vida cotidiana, e certos **grupos sendo submetidos a censura e julgamento** [...] (XINRAN, 2007, p. 103-104, grifo nosso).

Durante o governo de Mao, a vida política, ou seja, a ideologia comunista, regia cada aspecto da vida cotidiana. Mesmo no âmbito mais privado, na vida familiar, as pessoas eram levadas a disciplina com o terror de serem consideradas revisionistas. Entretanto, não estou afirmando aqui que todos seguiam essas diretrizes. A China é o país mais populoso do mundo e por mais esforços e medidas que tomasse o Partido Comunista, os antigos costumes estavam enraizados nas práticas sociais dos chineses.

Neste momento, pessoas incumbidas do discurso da revolução tornaram-se vigilantes. As denúncias por parte dos cidadãos comuns aumentaram. Tudo que fosse considerado ‘subversivo as práticas comunistas’ deveria ser destruído. As pessoas deveriam ser reeducadas. A unidade e o sentimento de coletivo transformaram-se em egoísmo e individualismo.

Não era o PC, que com olhos gigantes monitorava o povo. O povo denunciava o próprio povo. Muitas denúncias foram feitas nesse período pelos mais

variados motivos. “[...] A corrupção se infiltrou em todos os lugares e aspectos da vida chinesa, manchando tudo, do molho de soja às usinas hidrelétricas [...]” (DIKOTTER, 2017, p. 12).

Uma das principais corrupções que devemos levar em consideração, é a de em algumas situações, convinha aos homens usufruir dos ‘costumes arcaicos’. Começamos a notar as contradições do discurso comunista na prática cotidiana. Muitos chefes de várias províncias utilizando-se de seus postos de poder, achavam pretextos para cometer crimes sexuais contra mulheres. Para quem denunciar, se, a pessoa que deveria trazer segurança as pessoas era o próprio abusador?

Mulheres que tinham que se submeter a abusos e manter-se caladas. A justificativa dada as mesmas era a de que deveriam provar sua lealdade ao Partido. Seus superiores usavam-se desse pretexto para subverter os valores morais estabelecidos e qualquer crime cometido contra a mulher era ‘necessário para quebrar com heranças do feudalismo’. Na maioria dos casos, crianças consideradas contrarrevolucionárias eram o alvo dos abusos, inclusive estupro coletivos. ‘Tudo pela revolução’, diziam eles. Um exemplo disso é o caso de Hua’er:

[...] eu olhava para as páginas do meu Livro vermelho, sem entender uma palavra. [...] **Perguntaram se eu tinha feito minha promessa ao presidente Mao.** Respondi que sim [...]. [...] Uma mão beliscou o meu mamilo [...]. Outra mão me abriu as pernas e uma voz diferente disse: **‘É sempre nos lugares mais secretos do corpo da pessoa que estão escondidos coisas contrarrevolucionárias.** Vamos dar uma olhada’ [...]. No escuro, várias vozes me diziam: [...] ‘Hua’er, você é uma boa menina, não há nenhuma maldade em você’ [...] (XINRAN, 2007, p. 202-204, grifo nosso).

Como no caso de Hongxue, abusada pelo próprio pai:

[...] Meu pai tinha vindo da base militar, para uma das suas raras visitas. Ele me disse: **“Sua mãe diz que você cresceu. Vamos, tire a roupa para o papai ver se é verdade”.** [...] “Rápido! O papai ajuda!”, disse ele, tirando-me a roupa com destreza. [...] **Começou a passar as mãos pelo meu corpo inteiro** [...]. Eu me sentia morta de vergonha. [...] Essa foi minha primeira “experiência de mulher” (XINRAN, 2007, p.21, grifo nosso).

Ou como no caso de Shilin:

[...] Segundo o relatório, **o torso de Shilin tinha cicatrizes de mordidas, parte de um mamilo fora arrancado e os lábios vaginais estavam dilacerados.** O colo e o revestimento do útero

estavam **gravemente danificados**, e os médicos **encontraram um galho quebrado dentro dele** [...] (XINRAN, 2007, p. 176, grifo nosso)

Muitas dessas práticas vinham do desejo e de uma sexualidade reprimida. Por muito tempo na China, toda conversa sobre assuntos sexuais fora proibida. [...] Na avaliação que se faz agora dos danos causados à sociedade chinesa pela Revolução Cultural, deve-se incluir o dano aos instintos sexuais naturais. [...]. (XINRAN, 2007, p. 212).

As relações amorosas e sexuais mudam drasticamente. [...] Mesmo entre marido e mulher, “conversas íntimas na cama” podiam ser interpretadas como prova de comportamento delinquente e, [...] era comum as pessoas ameaçarem denunciar os parceiros à polícia [...] (XINRAN, 2007, p.15). Em suas experiências mais íntimas, mulheres e homens estavam sobre vigilância. Os homens viam no abuso e no estupro, uma maneira de satisfazer seus desejos sexuais animais, seus desejos reprimidos.

De modo geral foram as crianças, **sobretudo as meninas**, que **arcaram com as consequências do desejo sexual frustrado**. A menina que cresceu durante a Revolução Cultural viu-se cercada de ignorância, loucura ou perversão. [...] **Os perpetradores foram seus professores, amigos, até seus pais e irmãos** [...]. As esperanças das meninas foram destruídas, e a sua capacidade de fazer amor foi danificada para sempre [...] (XINRAN, 2007, p.212-213, grifo nosso).

O casamento, como um contrato econômico, passa a ser também uma experiência de repressão sexual. Não consigo imaginar pessoas tendo seus desejos saciados em grandes quartos coletivos. As relações amorosas são pautadas pelo medo. Medo de ser denunciado, medo de responder criminalmente por tais atos. Como no caso de uma moça que foi denunciada por estar com seu namorado: “[...] **Ele nunca tocou o meu corpo**, mas **uma vizinha o viu me beijar na testa** e disse para todo mundo que eu era uma mulher má. [...] **Será que o amor é imoral ou é um crime conta a decência pública?**” (XINRAN, 2007, p. 45, grifo nosso).

As mulheres, que pelo discurso de igualdade haviam se libertado dos ‘grilhões do patriarcado’¹², ainda eram obrigadas a casamentos forçados com

¹² Termo utilizado para designar a forma de organização social em que predomina a autoridade paterna.

homens que não amavam. 'Tudo pela revolução'. Até onde a tradição deve ser deixada de lado? Para o benefício de quem os velhos costumes devem ser refutados? Acredito que o discurso não é válido quando tocamos em questões femininas. A seguir vemos a história de uma mulher revolucionária, dada em casamento pelo sonho de ingressar no Partido Comunista:

[...] No dia em que fiz dezoito anos, o grupo deu uma festa de aniversário para mim. [...] Eu estava dançando e cantando quando o líder do regimento me fez sinal para parar e acompanhá-lo. [...] **“Você está disposta a realizar qualquer missão que a organização do partido lhe atribua?”** [...] **“Claro!”, respondi, sem hesitar. Eu sempre quisera ingressar no Partido** [...]. me disse que eu partiria imediatamente, [...] para a minha 'missão urgente' no prédio do governo regional. [...] No prédio do governo regional, **fui apresentada a um oficial de alta patente.** [...] Depois mandou alguém me levar para descansar num quarto. [...] Mais tarde, na mesma noite, fui despertada por um homem subindo na cama. [...] e disse em voz baixa: [...] **Esta é a sua missão.** [...] A partir de hoje, está é a sua missão. [...] **Como fui que pude ser 'dada em casamento pela Revolução'?** [...] (XINRAN, p.126-127).

Os casamentos sem afeto, não somente mudaram a forma como os homens se relacionavam em sociedade, como mudou a forma de como as mulheres se relacionavam em sociedade. Muitas pessoas casavam-se por dificuldades financeiras. [...] Em uma aldeia de Hubei [...], o número de casamentos aumentou sete vezes em 1960, o pior ano da fome. Mulheres chegavam em grandes números [...] e se casavam por bens, roupas, ou comida para os parentes [...] (DIKOTTER, 2017, p.327).

Tornou-se característico do “chinês moderno ter uma família sem sentimentos ou sentimentos sem uma família [...]” (XINRAN, 2007, p.138). Milhares de chinesas viam-se em uma situação de pobreza, com parentes para sustentar. Em uma sociedade onde um discurso pregava uma falsa ideia de igualdade, as mulheres ainda “[...] recebiam menos que os homens, não importava o quanto trabalhassem [...]” (DIKOTTER, 2017, p. 321).

Esses relatos nos mostram como sabemos pouquíssimo desse período. Como não se sabe, principalmente no que diz respeito a documentos oficiais, todas as atrocidades realizadas durante as campanhas de repressão disfarçadas de avanço, durante o governo de Mao. Pelo que sabemos até agora, através deste

artigo e do estudo feito é que a participação feminina na revolução foi apenas mais uma manobra do patriarcado de subjugar a mulher.

Então qual foi o papel desempenhado pelas mulheres durante a revolução? Por maior que fosse a disseminação de valores comunistas de igualdade, as mulheres ainda sofriam com as antigas amarras da sociedade machista. Mao, com a intenção de acabar com a tradição, cria uma outra no lugar. A tradição do estupro, da pobreza e da falta de chance de uma ascensão política feminina.

CONCLUSÃO

Disseminando uma falsa ideia de igualdade, Mao com o discurso de quebra com a tradição, cria uma nova tradição igualmente repressiva. Sua chegada no poder foi gloriosa, sua saída e morte desejada por muitos. A China via-se em extrema pobreza, pessoas passando fome, o solo exaurido e o 'avanço' em forma de atraso assombrava a vida e o cotidiano dos camponeses.

Ainda não se sabem muitos aspectos sobre o governo de Mao, do número de pessoas mortas, e, do número de adversários aniquilados. Documentos centrais do Partido são um segredo e utopia para muitos historiadores. Talvez, somente daqui a alguns bons anos poderemos entender outras faces do comunismo e do que o mesmo propiciou aos cidadãos, em especial, as mulheres chinesas.

O artigo não buscava esgotar o tema sobre mulheres na revolução chinesa. E não chega a atingir muitos pontos da vida cotidiana. Esse estudo não exclui que muitas mulheres podem ter tido vidas felizes durante esse período. Mesmo assim, conseguimos ter uma noção do que poderia ter sido a vida de muitas pessoas nos anos de 1949 a 1976.

A ideologia comunista não somente influenciou a vida política de muitas chinesas, como também, influenciou suas relações com seus filhos, seus casamentos e sua vida privada/familiar. O que pude tirar desse estudo foi apenas o terror dos estupros coletivos, abusos sexuais contra crianças, casamentos

infelizes e danos a vida sexual, resquícios sobreviventes até hoje na vida dos chineses modernos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Micro-história italiana: modo de uso**. Londrina: Eduel, 2012.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer Análise de Conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. Curitiba, v.7, n.1, p.173-188, 2016.

DIKOTTER, Frank. Crianças. *In: A grande fome de Mao: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62*. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 309-320.

DIKOTTER, Frank. Mulheres. *In: A grande fome de Mao: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62*. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 321-330.

DIKOTTER, Frank. Prefácio. *In: A grande fome de Mao: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62*. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 9-17.

GELBER, Harry Gregor. **O dragão e os demônios estrangeiros: a China e o mundo, de 1100 a.C. aos dias atuais**. Rio-de Janeiro: Record, 2012.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MARX, K; ENGELS, F. Burgueses e Proletários. *In: Manifesto do Partido Comunista*. Disponível em: <http://www.paginavermelha.org/documentos/manifesto/cap-1.htm>. Acesso em 28 de mai. 2019.

MASON, Colin. China moderna: o Estado comunista. *In: Uma breve história da Ásia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, p.223-236.

MASON, Colin. Duas revoluções. *In: Uma breve história da Ásia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017, 217-222.

MEZZETTI, Fernando. Da caserna-convento à febre capitalista. *In: De Mao a Deng: a transformação da China*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 13-26.

MEZZETTI, Fernando. Fracasso e desforra. *In: De Mao a Deng: a transformação da China*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 61-78.

MEZZETTI, Fernando. Origens da luta interna. *In: De Mao a Deng: a transformação da China*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 43-60.

POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Unesp, 2003.

THOMPSON, E. P. Introdução: costume e cultura. *In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13-24.

TSE-TUNG, Mao. Class and class struggles. *In: Quotations from chairman Mao Tse-Tung*. Peking: Foreign Language Press, 1966, p.8-22.

WOLF, Virginia. Mulher e ficção. *In: Mulheres e ficção*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2019, p. 9-19.

XINRAN. **As boas mulheres da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.